

Gramaticalização da construção *porque de* no português de Valença-BA: domínio da relação causal e posição do sintagma preposicionado¹

Grammaticalization of the construction *porque de* in the Portuguese of Valença-BA: domain of the causal relationship and position of the prepositional phrase

Gramaticalización de la construcción *porque de* en el portugués de Valença-BA: dominio de la relación causal y posición del sintagma preposicional

Josane Moreira de Oliveira

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS/Brasil)

Universidade Federal da Bahia (UFBA/Brasil)

josanemoreira@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9661-1804>

Paulo Henrique da Silva Santos

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA/Brasil)

paulohenriquesilsan@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-0324-0785>

RESUMO

Este artigo apresenta alguns resultados da pesquisa que objetivou descrever o conector *porque de*, considerado uma construção que, ao emergir por gramaticalização, mobiliza uma junção causal entre sintagmas das sentenças. Apesar de o uso dessa construção parecer espalhado, não havia estudos sobre esse conector, o que conduziu à hipótese de que se trata de uma construção resultante de um processo recente de gramaticalização. O quadro teórico é o do

¹ Este artigo apresenta um recorte da dissertação de Mestrado defendida por Paulo Henrique da Silva Santos em março de 2020 junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), sob orientação da Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira.

* Sobre os autores ver página 108.



Sociofuncionalismo, conjugando o Funcionalismo linguístico norte-americano e a Sociolinguística. A partir da análise quantitativa dos dados, e considerando os pressupostos e os mecanismos responsáveis por acionar a gramaticalização, constatou-se que, por analogia à forma mais prototípica *por causa de* e seus correlatos (*por conta de*, *por razão de* etc.), os falantes de Valença-BA estão atribuindo um novo uso para o conector *porque*, que, ao se integrar à preposição *de*, passa a compor um sintagma preposicionado com base em um padrão construcional *type* para conector de causalidade.

PALAVRAS-CHAVE: *Porque de*; Gramaticalização; Sociofuncionalismo.

ABSTRACT

*This article presents some results of the research that aimed to describe the connector *porque de*, considered a construction that, when it emerges through grammaticalization, mobilizes a causal junction between sentence phrases. Although the use of this construction seems widespread, there were no studies on this connector, which led to the hypothesis that it is a construction resulting from a recent grammaticalization process. The theoretical framework is that of Sociofunctionalism, combining North American linguistic Functionalism and Sociolinguistics. From the quantitative analysis of the data, and considering the assumptions and mechanisms responsible for triggering grammaticalization, it was found that, by analogy to the most prototypical form *por causa de* and its correlates (*por conta de*, *por razão de* etc.), the speakers of Valença-BA are giving a new use to the connector *porque*, which, when integrated with the preposition *de*, starts to compose a prepositional phrase based on a type constructional pattern for causality connector.*

KEYWORDS: *Porque de*; Grammaticalization; Sociofunctionalism.

RESUMEN

*Este artículo presenta algunos resultados de la investigación que tuvo como objetivo describir el conector *porque de*, considerado una construcción que, cuando surge a través de la gramaticalización, moviliza una unión causal entre frases oracionales. Si bien el uso de esta construcción parece generalizado, no existían estudios sobre este conector, lo que llevó a la hipótesis de que se trata de una construcción resultante de un reciente proceso de gramaticalización. El marco teórico es el del Sociofuncionalismo, que combina el Funcionalismo lingüístico norteamericano y la Sociolingüística. A partir del análisis cuantitativo de los datos, y considerando los supuestos y mecanismos responsables de desencadenar la gramaticalización, se encontró que, por analogía con la forma más prototípica *por causa de* y sus correlatos (*por conta de*, *por razão de* etc.), los hablantes de Valença-BA están dando un nuevo uso al conector *porque*, al integrarse con la preposición *de*, comienza a componer una frase preposicional basada en un patrón constructivo *type* para conector de causalidad.*

PALABRAS-CLAVE: *Porque de*; Gramaticalización; Sociofuncionalismo.

1 Introdução

A conexão morfossintática das orações é normalmente atribuída aos operadores argumentativos, embora haja orações que não sejam ligadas por eles. Compreendendo a língua como uma gramática emergente (HOPPER, 1991), seus elementos renovam-se constantemente, isto é, surgem formas ou alteram-se funções de formas já existentes a todo momento. O surgimento de novos itens ou construções para desempenhar funções gramaticais ou a atribuição de uma nova função para uma forma já gramatical acontece por meio do processo de gramaticalização. É pela gramaticalização que o inventário dos operadores argumentativos, aqui referidos como conectores, da língua se renova.

Santos (2020) faz uma descrição sociofuncionalista de um novo conector do português brasileiro (PB). Enquanto a tradição gramatical prescreve o uso da locução *por causa de* para estabelecer relações causais/explicativas intraoracionais das sentenças (BECHARA, 2010; ROCHA LIMA, 2010), no vernáculo de Valença-BA há a emergência de uma variante para essa função, a construção *porque de*. O uso dessa construção parece espalhado nas variedades oral e escrita dos valencianos e o emprego surge como intercambiável com o uso de *por causa de*.

À guisa de ilustração de como ocorre o uso da construção *porque de* na variedade de Valença-BA, apresentam-se os excertos (1), (2), e (3), a seguir, retirados do *corpus* da pesquisa supramencionada.

(1) “DOC.: Você gosta da cidade de Valença?

INF.: Gosto, **eu acho que cidade fica um pouco prejudicada *porque da violência***, infelizmente, só que, tipo assim, eu prefiro, eu gosto muito mais de morar, eu gosto de morar até quando passo o tempo e tudo mais em cidades de pequeno porte ou médio, né, tipo assim, cidades de grande porte eu me sinto meio incomodado tanto *porque de* locomoção e tudo mais, quando eu fico na capital uns tempos, então, eu prefiro cidades de médio porte, por isso que eu acho que a cidade é legal de se morar, sim, fica um pouco prejudicada *porque da* violência, né, então, eu acho que só esse sentindo.” (I.S.S., M, NU, 22)²

(2) “DOC.: Você viaja com frequência?

INF.: Olha, eu viajo... você fala pra perto ou pra longe?

DOC.: Não, viagens... viagens (risos).

INF.: (risos) Tudo que eu falo gira em torno do meu problema de saúde, mas assim viajar mesmo eu tenho obrigação de viajar todo ano por conta do problema de saúde, aí todo ano eu tenho que ir pra Brasília de volta. **E viajar assim pra perto eu vou pra Itacaré, é... pra Salvador até *porque da* faculdade também que não deixa eu ir para muito longe**, mas aí

² A identificação dos informantes é feita, aqui, pelas iniciais do nome e sobrenome, seguido do sexo (F para feminino e M para masculino), do grau de escolaridade (NM para Nível Médio e NU para Nível Universitário) e, por fim, pela idade do falante (apresentada em números cardinais).

chega nas férias eu aproveito a oportunidade, como é longe, aí eu vou pra Brasília, como eu tenho que ficar muito tempo lá, muitos dias aí eu vou pro entorno ali, vou pra Pirenópolis, ali em Goiás, fico por ali passeando.” (D.S.N.A., F, NU, 34)

(3) “DOC.: Você viaja com frequência?

INF.: **Antes eu já viajei mais, hoje não *porque do trabalho, né.***” (T.B.R., F, NU, 32)

Nos três excertos foram destacados exemplos do *type* da construção sem contração (*porque de*), com contração com o determinante feminino (*porque da*) e com o determinante masculino (*porque do*). Como o uso dessa nova construção não tem registro nem mesmo em gramáticas descritivas, como as de Neves (2000), Perini (2010) e Castilho (2010), e ainda não havia investigações científicas sobre a forma *porque de* antes do trabalho de Santos (2020), isso conduziu à hipótese de que se trata de uma construção bastante inovadora na delimitação geográfica da pesquisa e que, provavelmente, ela é resultante de um processo em estágio inicial de gramaticalização. Ainda sobre a hipótese de pesquisa, o autor infere que,

Considerando os mecanismos responsáveis por acionar a gramaticalização, aventamos também a hipótese de que, por analogia à locução *por causa de* e correlatos (*por conta de, por razão de, por motivo de* etc.), os falantes estejam atribuindo um novo uso, também gramatical, para o conector *porque*, que, ao se integrar à preposição *de*, passa a introduzir sintagmas nominais e orações infinitivas (SANTOS, 2020, p. 17).

Partindo, então, dessas hipóteses, o objetivo da pesquisa é apresentar uma descrição sincrônica funcional do conector causal *porque de*, considerando-o como uma construção que, nos termos de Cezário, Pinto e Alonso (2013, p. 51), é “um pareamento de forma e sentido e a formação desses pareamentos ao longo do tempo deve levar em conta uma acepção mais ampla de gramaticalização”. Outra característica intrínseca ao conceito de construção é que ela é constituída por propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas, na parte da forma, e por propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais, na parte do significado (parte também nomeada por sentido ou por função, a depender do autor) (CROFT, 2001, p. 18).

Para alcançar o objetivo e verificar as hipóteses, o estudo fundou-se no Sociofuncionalismo, aporte que integra a teoria funcionalista à metodologia da sociolinguística quantitativa.

2 Quadro teórico: funcionalismo linguístico, processo de gramaticalização e a interface sociofuncionalista

A análise e a interpretação dos dados foram realizadas a partir do quadro teórico do funcionalismo linguístico norte-americano, com destaque para o paradigma da gramaticalização, numa interface com a sociolinguística laboviana, o que caracteriza a pesquisa como de cunho sociofuncionalista.

2.1 Funcionalismo linguístico norte-americano

Para fundamentar pesquisas sobre construções linguísticas em contexto de uso, o escopo teórico ideal é o da Linguística Funcional. Derivado historicamente do polo funcionalista, em oposição ao polo formalista, o Funcionalismo linguístico surge como prisma analítico na segunda metade do século XX, com diferentes vertentes teóricas, entre as quais se destacaram a europeia, com os modelos sistêmico-funcional (do londrino Michael K. Halliday) e discursivo-funcional (do holandês Simon Dik), ambos na década de 1970, e a norte-americana da Costa Oeste dos Estados Unidos da América (EUA). A vertente norte-americana é considerada como mais extremada na abordagem em relação à vertente europeia, que faz opção por uma postura mais moderada, já que Dik (1989) e Halliday (1985) defendem a incorporação da semântica e da pragmática à análise sintática. Neste artigo adotamos a vertente norte-americana para a análise do conector *porque de*.

De acordo com Martelotta e Kenedy (2015), para entender a essência da Linguística Funcional norte-americana, é interessante observar como Talmy Givón, em 1995, propõe refutações aos três dogmas centrais da Linguística Estrutural: a arbitrariedade do signo linguístico, a idealização relacionada à distinção entre *langue* e *parole* e entre diacronia e sincronia. Givón (1995) os refuta com, respectivamente, iconicidade/motivação, discurso e pancronia.

Além de Givón (1995), Hopper e Thompson (1980), também representantes do viés norte-americano, negam a validade da concepção saussureana da linguagem como um sistema estrutural e advogam que a gramática pode ser compreendida como discurso. Em outras palavras, ao invés do nível estrutural chamado sintaxe, seria possível fazer descrição da língua apenas com princípios comunicativos. Assim, depreende-se que, para o funcionalismo norte-americano, a concepção de sintaxe é correspondente às noções de “gramática emergente” (HOPPER, 1991), “sistema adaptativo” (DU BOIS, 1985) ou “estrutura maleável” (BOLINGER, 1977).

Em termos de conceituação, adota-se aqui a definição de Neves (1997, p. 15) para o Funcionalismo: “uma teoria que assenta que as relações entre as unidades e as funções das unidades têm prioridade sobre seus limites e sua posição, e que entende a gramática como acessível às pressões do uso”. Isto é, em oposição às teorias formalistas, o Funcionalismo concebe a língua em

situação uso, de onde partem as análises e a “função” é priorizada sobre a “forma”.

Como pressupostos teóricos fundamentais, a abordagem funcionalista traz os princípios da *iconicidade*, da *marcação*, da *informatividade*, da *transitividade* e da *gramaticalização* e *discursivização*. Como este artigo se detém apenas sobre o princípio da *gramaticalização*, é necessário expor dois pontos relevantes: um é a noção de “gramática emergente”, de Hopper (1991), segundo a qual a gramática de uma língua natural nunca está completa, o que é uma grande colaboração para a validação da gramaticalização; o outro é a proposição das trajetórias cíclicas de um *continuum* de mudança por gramaticalização. Givón (1979) propõe uma trajetória cíclica, partindo do ponto mais imprevisível (o discurso) até a fase final (o desaparecimento): *discurso* > *sintaxe* > *morfologia* > *morfonologia* > *zero*. Já Traugott e Heine (1991) propõem a seguinte escala para representar o processo de *abstratização* gradativa no percurso de gramaticalização dos elementos linguísticos: *espaço* > *(tempo)* > *texto*.

2.2 Gramaticalização

Em linhas gerais, a gramaticalização é definida como um processo que ocorre quando itens ou construções lexicais assumem, em determinados contextos linguísticos, funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (HEINE; CLAUDI; HÜNEMEYER, 1991; BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994; dentre outros).

A cunhagem do termo é atribuída a Antoine Meillet (1912). Após a fase de Meillet na primeira metade do século XX, veio a geração de estudos da segunda metade do século, acompanhando a emergência do funcionalismo. Assim, os estudos em gramaticalização ganharam força na Alemanha, com Lehmann, Heine, Claudi, Hünemeyer; e na Costa Oeste dos Estados Unidos, com Givón, Hopper, Traugott, Bybee, Thompson, Pagliuca, entre outros autores, perdurando até a atualidade.

Entretanto, nesse processo histórico de desenvolvimento, não houve consenso com relação à terminologia, à natureza e à delimitação nem aos conceitos relativos à caracterização. Por isso, faz-se necessário apontar que se adota, neste artigo, a acepção fenomenológica que considera a gramaticalização como um processo de mudança que se opera nas línguas naturais, utilizando a definição conceitual de Neves (2006), ao afirmar que a gramaticalização é

[...] um processo que tem encontrado abrigo privilegiado no funcionalismo [...] porque reflete a relação entre o sistema gramatical e o funcionamento discursivo, ou seja, porque se aplica pela interação

entre as motivações internas ao sistema e as motivações externas a ele (NEVES, 2006, p. 20).

O processo de gramaticalização também é caracterizado por categorias, nem todas unânimes, mas já registradas na literatura. São elas: princípios (ou propriedades), motivações (ou gatilhos), mecanismos, estágios (ou fases/*cline*), parâmetros (ou critérios). Não é possível discorrer sobre todos, entretanto convém ressaltar o princípio da *unidirecionalidade*, segundo o qual a mudança ocorre em uma única direção linear e irreversível. Também convém destacar a motivação da *analogia*, responsável pela emergência da construção *porque de* na função de conexão causal intraoracional (SANTOS, 2020). E, por fim, é preciso considerar os cinco parâmetros de Hopper (1991), os quais foram utilizados como recurso teórico da verificação do estágio sincrônico e incipiente da gramaticalização da construção *porque de*: *estratificação*, *divergência*, *especialização*, *persistência* e *decatégorização*.

Além da teoria essencialmente funcionalista, para descrever a forma inovadora em questão resultante de mudança linguística por processo de gramaticalização, foi necessário o suporte da interface teórico-metodológica entre o funcionalismo e a sociolinguística, a qual é descrita a seguir.

2.3 Sociofuncionalismo

Em descrição de casos de mudança linguística, os estudos quantitativos podem ser essenciais para a compreensão dos processos que envolvem a variação e a mudança. Logo, nesse caso, a metodologia mais apropriada seria o método quantitativo desenvolvido pela sociolinguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), a partir da década de 1960. Esse método variacionista estabelece fatores de análise linguísticos e sociais para a compreensão dos fenômenos de variação e mudança.

É consenso que o Sociofuncionalismo nasce do “casamento teórico” entre a Teoria da Variação e Mudança (ou Sociolinguística Laboviana) e do Funcionalismo Linguístico de vertente norte-americana. Além do método quantitativo, a Sociolinguística também aporta na conjunção teórica os importantes princípios de valorização dos fatores externos ou sociais na variação e na mudança linguística.

Segundo historicização de Neves (1999), o termo sociofuncionalismo surgiu no Programa de Estudos sobre os Usos da Língua (PEUL/RJ), na década de 1980, a partir de pesquisas de orientação sociofuncionalista. A tese de Tavares (2003) é um dos textos fundantes do “casamento teórico” que gera uma nova perspectiva linguística empírica. Posteriormente, Tavares e Górski (2015) elencaram pressupostos teóricos variacionistas e funcionalistas que aparentam grande compatibilidade e se assemelham terminologicamente,

motivando o diálogo teórico. E concluem que é possível que haja convergência entre os postulados teórico-metodológicos das duas áreas.

Desde então, muitas pesquisas têm se dedicado à investigação de fenômenos de variação e de mudança linguística através da interface sociofuncionalista. Tavares (2003, p. 144) afirma que pesquisa sociofuncional é a que articula os postulados de teoria e da metodologia do Funcionalismo – estudo da função, análise de aspectos discursivos e processos mentais, tendências de uso entendidas como reflexo da organização do processo comunicativo, dentre outros – e da Sociolinguística – variação, quantificação dos dados de acordo com variáveis sociais e estruturais, motivação social da mudança, dentre outros.

Apesar das convergências que tornam possível a existência da interface teórica, o sociofuncionalismo reconhece algumas divergências de ordem teórico-metodológica entre as correntes de origem. As principais divergências teóricas dizem respeito à diferença na perspectiva da variação e da mudança linguísticas. Na perspectiva sociolinguística, a mudança é a difusão da inovação ao longo da comunidade de fala. O foco é o fato de diferentes formas desempenharem uma mesma função. Já na perspectiva funcionalista, a mudança se dá em duas etapas indissociáveis, conforme Hopper e Traugott (1993): a emergência da inovação e a difusão da inovação na sociedade. O foco é o momento em que uma forma passa a desempenhar diferentes funções. Já as principais divergências metodológicas são relativas ao encaminhamento da análise empírica. O Funcionalismo entende que a mudança é lenta e gradual e de que nela as formas ganham e perdem características, tornando claro o caráter gradiente e não discreto das categorias linguísticas. Por causa disso que é cara ao funcionalismo a ambiguidade. Também é cara a noção de *continuum*, pois, partido dessa premissa, é inevitável considerar a sobreposição de funções que gera a ambiguidade e considerar o comportamento das categorias linguísticas na trajetória de mudança. Contrariamente, o método sociolinguístico visa a identificar os contextos condicionadores, controlando grupo de fatores independentes, mas geralmente analisados em combinação validada estatisticamente, ou seja, descartar sumariamente ocorrências ambíguas de categorias linguísticas discretas é um critério basilar.

Tavares e Görski (2015) indicam caminhos de conciliação para as divergências. Contudo, por ser o Sociofuncionalismo uma teoria de interface, Tavares (2003) propõe que estudos sociofuncionalistas possam assumir uma base mais sociolinguística ou uma base mais funcionalista. Por isso, neste trabalho, assume-se uma perspectiva sociofuncionalista para analisar possíveis fatores linguísticos e extralinguísticos responsáveis por favorecer/inibir os usos da construção *porque de*, porém com uma base mais funcionalista.

3 Procedimentos metodológicos

O *corpus*, composto por dados das modalidades escrita e falada da língua, foi constituído pela participação espontânea de 24 informantes nativos de Valença-BA – município litorâneo pertencente ao território de identidade do Baixo Sul da Bahia (cf. Figura 1) –, que responderam a um questionário escrito contendo cinco questões dissertativo-argumentativas e participaram de uma entrevista sociolinguística no modelo *Diálogo entre Informante e Documentador* (DID), com duração entre 15 e 30 minutos cada. A coleta dos dados, tanto orais quanto escritos, foi realizada *in loco* durante o ano de 2019. Na Introdução deste artigo foram apresentados exemplos de dados orais. A Figura 2 ilustra um exemplo de dados escritos.

Figura 1: Localização de Valença-BA



Fonte: Wikipédia.³

Figura 2: Exemplo de dado escrito

A) O que o/a motivou a escolher o seu curso? (para o ensino médio integrado, técnico subsequente e superior)

Eu escolhi informática por que de meu pai, que me ensinou a mexer em tecnologia da Informação em geral.

Fonte: Santos (2020, p. 93).

³ Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Valen%C3%A7a_\(Bahia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Valen%C3%A7a_(Bahia)). Acesso em: 13 jan. 2020.

Os informantes foram estratificados quanto ao sexo (feminino e masculino), à faixa etária (contínua) e ao nível de escolaridade (médio e universitário), conforme o Quadro 1:

Quadro 1: Estratificação dos informantes

INFORMANTE ⁴	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE
P.V.A.S.	Masculino	19 anos	Nível Universitário
I.S.S.	Masculino	22 anos	Nível Universitário
J.S.S.	Masculino	23 anos	Nível Universitário
M.P.S.J.	Masculino	23 anos	Nível Universitário
F.A.O.S.L.	Masculino	25 anos	Nível Universitário
V.S.S.	Masculino	37 anos	Nível Universitário
Y.A.S.	Feminino	25 anos	Nível Universitário
L.S.S.	Feminino	28 anos	Nível Universitário
R.P.S.	Feminino	32 anos	Nível Universitário
T.B.R.	Feminino	32 anos	Nível Universitário
D.S.NA.	Feminino	34 anos	Nível Universitário
E.C.J.Q.	Feminino	35 anos	Nível Universitário
D.D.P.	Masculino	16 anos	Nível Médio
K.F.B.	Masculino	16 anos	Nível Médio
D.H.T.S.	Masculino	19 anos	Nível Médio
H.L.J.	Masculino	19 anos	Nível Médio
P.J.S.S.	Masculino	19 anos	Nível Médio
R.S.M.	Masculino	19 anos	Nível Médio
L.S.R.	Feminino	16 anos	Nível Médio
J.R.S.	Feminino	17 anos	Nível Médio
S.M.S.	Feminino	17 anos	Nível Médio
V.H.M.S.	Feminino	17 anos	Nível Médio
T.R.A.P.S.	Feminino	18 anos	Nível Médio
T.S.B.P.	Feminino	19 anos	Nível Médio

Fonte: Santos (2020, p. 80-81).

A metodologia de execução deste estudo foi baseada no método da pesquisa qualitativa e quantitativa. Assim, procedeu-se à abordagem qualitativa, em que se descreveu a funcionalidade dos empregos do sintagma proposicional causal *porque de*. Foi também utilizada a abordagem quantitativa, nos moldes de Labov (2008 [1972]), com tratamento estatístico dos dados coletados.

Para análise da variável depende *porque de*, foram definidas e controladas as variáveis independentes ou grupos de fatores. As variáveis sociais já foram mencionadas na estratificação dos informantes. As variáveis linguísticas foram: 1) o domínio da relação causal; 2) o *slot X*; 3) a posição do

⁴ Os nomes foram suprimidos para preservar a identidade do informante, em coerência com os princípios éticos que foram observados em todo o desenvolvimento da pesquisa.

SPrep⁵; 4) o estatuto da informação; e 5) as propriedades da oração a (animacidade do sujeito e o tempo/modo verbal). Este artigo se detém nos resultados dos grupos de fatores *domínio da relação causal* e *posição do SPrep*.

4 Análise das variáveis linguísticas *domínio da relação causal* e *posição do SPrep*

A causalidade (e seus domínios) é um ponto que permeia praticamente a totalidade dos estudos de gramaticalização de conectores causais. A relação de causa dos sintagmas é normalmente classificada pela taxonomia clássica de Sweetser (1990), em que há uma escala crescente de abstratização da relação causal, a partir da qual é possível analisar também a menor ou maior subjetividade dos usos dos conectores de causa.

Antes de passar à análise da variável *domínio da relação causal*, convém conceituar a causalidade. Amorim (2017, p. 44) o faz em acepção mais genérica ao considerar que “a causalidade é uma relação entre eventos sucessivos, na qual o primeiro é, parcial ou totalmente, responsável por gerar o segundo”. Já Paiva (1991, p. 15) expõe uma definição mais prototípica de causa como “relação entre dois eventos ocorridos em tempo passado”. Nesse sentido, a teoria dos domínios de causalidade de Sweetser (1990) propõe três domínios: o referencial, o epistêmico e o dos atos de fala.

O domínio referencial marca a causa objetiva, verificável no mundo real, biofísico e social, de um evento.

O domínio epistêmico, por vezes denominado de inferencial, ainda que mais abstrato, mantém certa relação semanticamente metafórica com o domínio referencial, operando cognitivamente pela capacidade de inferência do falante para explicar o que codifica na cláusula efeito, ou seja, pauta-se por uma crença do locutor, uma inferência ou dedução com base em uma premissa. Uma relação causal epistêmica marca a causa de uma crença ou conclusão.

O domínio dos atos de fala, por vezes chamado de conversacional ou ilocucionário, é o último do polo mais abstrato. Por relacionar atos de fala, contém mais discursividade em oposição à referencialidade do primeiro e, por ser o mais subjetivo, torna-se, conseqüentemente, o mais complexo e com menor grau de informatividade, levando-se em conta que a função da relação de causalidade é justificar. No domínio dos atos de fala, a causalidade se dá no segmento causal como uma justificação de um ato discursivo componente do segmento efeito.

Relacionando a teoria dos domínios de causalidade com os estudos do(s) processo(s) de gramaticalização, aciona-se o *continuum* de abstratização para a renovação do rol de conectores através da emergência de novas construções na gramática da língua bem como a especialização das formas já

⁵ Sintagma preposicionado.

gramaticalizadas. Sendo assim, consoante com a tendência verificada no lastro dos estudos de construções causais, a especialização dos conectores pode se assentar, então, em algum domínio de causalidade, partindo semanticamente do mais concreto para o mais abstrato, na trajetória: [referencial] > [epistêmico] > [atos de fala].

Os três domínios ainda podem refletir o grau de (inter)subjetivização instanciado pelos conectores que acompanha a gramaticalização de construções no sentido da trajetória [-subjetivo] > [+subjetivo] > [+intersubjetivo], de acordo com a escala estabelecida por Traugott (2010).

Assim, foi a partir desses domínios de causalidade propostos por Eve Sweetser, na década de 1990, que se analisou a variável *domínio da relação causa* da construção *porque de* nas sentenças em contexto de uso real, cujos resultados estão expostos a seguir.

4.1 Resultados da variável *domínio da relação causal*

Com base na já discutida taxionomia tripartida dos domínios, a hipótese aventada nesta pesquisa era a de que, por se tratar de um processo incipiente de gramaticalização, a variante estudada ainda estaria presa à função sintática, não ocorrendo, portanto, no **domínio dos atos de fala** e provavelmente apresentando resultado categórico para o **domínio referencial**. Sobre o **domínio epistêmico**, somente a análise dos dados de fala poderia revelar se a construção causal *porque de* também ocorreria instanciada nele.

Pelo fato de o *porque de* ser uma construção que expressa a relação de causalidade entre sentenças, conectando o efeito à causa, e vice-versa, foi extremamente essencial a realização da análise sobre qual domínio de causalidade estaria sendo acionado em cada uso da construção, isto é, que relação causal estaria semanticamente codificada no funcionamento engatilhado pela nova construção no rol dos conectores do PB. Dessa forma, foram considerados fatores para essa variável os domínios *referencial*, *epistêmico* e dos *atos de fala*, porque, embora haja algumas divergências, ainda é a categorização mais completa para uma análise mais holística do fator linguístico.

Após a realização do procedimento quantitativo, a estatística retornada pelo *Goldvarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) corroborou a hipótese de pesquisa aventada, pois os resultados apontaram que os usos estão categoricamente no domínio referencial, não tendo havido nenhum dado de *porque de* nos domínios epistêmico e dos atos de fala. A Tabela 1 apresenta a distribuição geral das variantes documentadas no *corpus*.

Tabela 1: Frequência das variantes

FREQUÊNCIA TYPE			FREQUÊNCIA TOKEN		
Variantes	Ocorrências/ total	%	Variantes	Ocorrências/ total	%
Por causa de	31/78	40%	Por causa de	3/31	10%
			Por causa da	7/31	23%
			Por causa do	6/31	19%
			Por causa dessa	1/31	3%
			Por causa disso	13/31	42%
			Por causa dela	1/31	3%
Por conta de	15/78	19%	Por conta de	3/15	20%
			Por conta da	9/15	60%
			Por conta do	2/15	13%
			Por conta disso	1/15	7%
Porque de	32/78	41%	Porque de	8/32	25%
			Porque da	7/32	22%
			Porque do	9/32	28%
			Porque disso	8/32	25%

Fonte: Santos (2020, p. 92).

Como é possível visualizar, foram encontradas no *corpus* 32 ocorrências da construção *porque de*, todas no domínio referencial. Outras variantes foram encontradas (*por causa de* e *por conta de*), contudo a maior frequência foi a da construção *porque de*, com 41% do total das 78 ocorrências das formas competidoras para a mesma função.

O resultado categórico para o domínio referencial da construção *porque de* já era esperado. Entende-se que a construção *porque de* não ocupa o domínio epistêmico porque semanticamente está atrelada à relação de causa e efeito verificável no mundo real, biofísico e social, isto é, está atrelada à relação de causa objetivamente, não abarcando ainda inferências subjetivas. Assim, não dá margem para inferências epistêmicas e do locutor enunciador. Da mesma forma, também não ocupa o domínio dos atos de fala porque ainda é uma forma presa, isto é, a sua função ainda está limitada ao escopo do nível sintático, não sendo empregada com funções apenas discursivas no uso vernacular de ambas as modalidades da língua. Sobre a ausência no domínio dos atos de fala, isso também já era esperado, contudo, sobre o domínio epistêmico, essa constatação só veio após a análise dos dados.

O tipo de uso categoricamente referencial acontece em expressões como a destacada no excerto em (4):

- (4) “DOC.: Para você, existe diferença entre o ensino da rede pública e o ensino da rede privada?
INF.: Bastante. Bastante. Eu senti isso na pele porque eu, quando eu morei, o tempo que eu morei aqui em Valença eu estudava em escola particular e quando eu fui pra Santa Terezinha eu estudei em escola pública, então eu consegui sentir, né, que é realmente muito diferente. Em escolas particulares... é... você, não querendo criticar de forma negativa a escola

pública, mas o compromisso de dar o assunto, os alunos também são, tem tipo, é como se fosse um universo diferente, sabe? [...] Eu acho que a escola que, as escolas, as duas escolas que eu estudei tanto a municipal quanto a estadual tinha professores bons, eu gostei muito, fiz amizade com os professores e não vou criticar o desempenho deles, eles eram bons e eu acho que eles não conseguiam, às vezes, dar todos os assuntos porque eles estavam adaptados àquela realidade, eles sabiam que os alunos, o que eles estavam ensinando era de acordo com o que as pessoas que estavam na sala entediavam. Eles não podiam explicar uma equação do segundo grau para quem não sabia elevar um número ao quadrado, que não entendia o conceito, entendeu? E é uma coisa que eu senti falta porque quando eu cheguei aqui, eu vim de uma escola estadual pro IFBA, **eu vim, voltei pra Valença porque do IFBA**. E eu estudei com, meu professor de matemática por exemplo, ele revisou o nono ano, o nono ano, eu já tinha feito o primeiro, o nono ano e eu não tinha dado nada daquilo. Tudo que ele revisou, inclusive me salvou, obrigado E., tudo que ele me ensinou ali pra mim era novo e na verdade era uma revisão. Então, eu perdi muita coisa? Perdi muita coisa, mas eu não posso culpar a escola, eu não posso culpar os professores, eu na verdade culpo o sistema de educação que foi falho não só durante o ensino médio, mas também no fundamental porque fundamental, fundamento, é fundamental as pessoas saberem o que está ensinando ali e se eles não aprenderam quando eles entram pro ensino médio que base eles têm, qual é o fundamento? Então, existe, sim, uma diferença gritante” (S.M.S., F, NM, 17).

No contexto de uso real da língua presente no excerto destacado em (4), como ocorreu nos 100% dos dados encontrados, nota-se que a relação causa-efeito é real. O *campus* de Valença do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) foi o motivo de o informante ter retornado à sua cidade. Não é nenhuma justificativa discursivo-pragmática para um turno do discurso e também não é nenhum julgamento epistêmico ou inferencial. Esse resultado demonstra que, conforme já explicado, como o estágio de gramaticalização é ainda incipiente, a forma *porque de* encontra-se presa à função sintática. Portanto foi confirmada a hipótese de que a construção PORQUE + DE + X está instanciada categoricamente no domínio de causalidade referencial, com base na classificação adotada na pesquisa, a taxionomia de Sweetser (1990).

Os resultados para a segunda variável linguística analisada neste trabalho, a *posição do SPrep*, são apresentados a seguir.

4.2 Resultados da variável *posição do SPrep*

Com relação à posição do sintagma preposicionado, foi controlada a ocorrência do SPrep causal *porque de* nas posições *anteposta*, *interposta* e *postposta*, embora a hipótese tivesse sido a de que essa nova forma, por estar ainda em

um processo incipiente de gramaticalização, não possuiria flexibilidade sintagmática e ocorreria apenas na posição posposta.

Então, com relação à ordenação da cláusula causal, isto é, a posição em que o sintagma preposicionado se encontra, embora hipoteticamente não fossem esperados valores significativos para anteposição e interposição, foram consideradas todas as três posições como fatores para fins de análise. Os resultados dados pela análise quantitativa ratificaram a hipótese para esse grupo de fatores, indicando a maior parte dos usos na posição posposta. É possível observar essa ratificação na Tabela 2:

Tabela 2: Uso de *porque de* e posição do SPrep causal

POSIÇÃO	OCORRÊNCIAS	PERCENTUAL
Posposta	28	88%
Interposta	2	6%
Anteposta	2	6%

Fonte: Adaptada de Santos (2020, p. 105).

Os percentuais da Tabela 2 evidenciam a confirmação da hipótese. Além da hipótese aventada na pesquisa, também o lastro das pesquisas sobre conectores no Brasil indica que, por haver correlação entre a ordenação das cláusulas e o estatuto informacional – o tipo de informação codificado nas cláusulas causais –, a posição posposta é o lugar de preferência da informação nova. Embora não seja objeto deste artigo, há que se afirmar que os resultados encontrados em Santos (2020) ratificaram a correlação apontada pela literatura, pois os valores da ocupação da posição posposta pelo sintagma preposicionado *porque de* (87,5%) e da codificação da informação (65,6%) foram diretamente proporcionais. O percentual da posição posposta foi um pouco maior em relação à codificação de informação nova. A diferença (aproximadamente 20 pontos percentuais) revela que, embora a posposição seja o lugar ideal para a codificação da informação nova, não é exclusiva da informatividade remática, isto é, também é possível codificar nessa posição sintática as informações já mencionadas ou deduzíveis pelo contexto (informatividade temática).

Nas posições anteposta e interposta houve duas ocorrências de *porque de* em cada. Nos excertos a seguir, podem-se verificar alguns dos exemplos da utilização do SPrep causal *porque de* nas posições posposta, em (5); interposta, em (6) e anteposta, em (7).

(5) “DOC.: Na sua opinião, o desempenho da seleção brasileira na copa da Rússia de 2018 correspondeu às expectativas?”

INF.: Não. Acho que a seleção tinha um time muito bom, dava pra ganhar a copa, talvez por um problema de burrice, de teimosia de treinador e Tite e tudo mais, insistência com Renato Augusto, com Paulinho, com Gabriel Jesus, talvez na insistência dele, acho que a seleção não era seleção pra

destoar das outras equipes, assim como a França foi campeã do mundo não tinha seleção pra destoar, o time da Croácia foi vice-campeão do mundo era muito fraco no meu ponto de vista, a Inglaterra tinha um time fraquíssimo foi terceira colocada da copa, então, tinha muitas seleções, oh foi a quarta, né, a terceira foi a Bélgica, mas mesmo assim tinha muitas seleções consideradas fracas pra mim tinha um time até inferior ao do Brasil no momento, o Brasil vinha bem, voou nas eliminatórias, não que o futebol americano seja parâmetro pra copa do mundo, né, que eu acho que o futebol europeu acaba tano um pouco com o passo à frente, só que mesmo assim eu acho que a seleção tinha um time bem melhor do que o que fez na copa, tipo assim, o time da Bélgica amassou a França campeã do mundo e perderam da França, jogaram um futebol muito melhor que o da França, mas perderam e o Brasil perdendo pra Bélgica e jogando um futebol melhor que o da Bélgica ainda, dentro das limitações, né, insistência com Gabriel Jesus, que não tinha necessidade, Renato Augusto, pra mim um jogador fraco, foi o jogador que fez o gol ainda perdeu gols de frente, uns erros, tipo assim, se talvez a seleção tivesse Casemiro no lugar de Fernandinho, tivesse derrubado Lukaku ali naquelas duas bolas que Lukaku saiu girando pelo meio ali, então, tinha derrubado, a gente não tinha tomado aquele gol, assim, talvez, infelizmente a seleção caiu por alguns erros individuais, né, a seleção como um todo tinha time pra ir mais longe, faltou também o melhor jogador da seleção **Neymar tinha que ter jogado um pouco mais nessa copa, se queimou bastante, mas é um jogador que fez falta, não sei se porque da lesão**, mas acho que a seleção foi decepcionante, né, e pífia como brasileiro, o Brasil sempre entra como favorito a copa do mundo e a gente sempre espera que o Brasil conquiste a copa e cair nas quartas de final é sempre um fracasso” (I.S.S., M, NU, 22).

(6) “DOC.: Não, duas perguntas: o que você pode contribuir e o que você acha que é necessário para tornar o mundo e as pessoas cada vez melhores. INF.: Ah, sim. O que eu posso contribuir... eu como pessoa posso fazer minha parte não... do jeito que eu puder, sendo uma pessoa melhor, ajudando os outros, é... fazendo coisas não pensando só em benefício próprio, mas questão de educação, eu sei que tal pessoa tem dificuldade, eu posso ajudar, mesmo que é... vamos supor, de graça, né, como hoje em dia tudo gira em torno do dinheiro, capitalismo tá aí para acabar com a gente. E, se eu posso ajudar aquela pessoa sem cobrar nada em troca, ensinar, passar meu conhecimento e ser cada vez mais tolerante com o outro porque eu sei que aquela outra pessoa tem seus pontos de vistas diferentes do meu, pode ter, pode ser que a gente combine muita coisa, massa, ótimo, mas nem todas as pessoas são assim. [...] Então, é necessário a gente procurar, né, conhecer mais um pouco sobre as coisas, sobre o governo, sobre o nosso país, sobre os nossos direitos e, assim, questionar o governo sem fazer baderna, né, que tem muita gente que acha que baderna é... fazer zoada é diferente de fazer baderna, você fazer uma zoada em um lugar pra você chamar atenção é uma coisa, festa tem barulho, tem zoada, mas nem todas as festas são badernadas. Baderna o que eu considero por baderna é você chegar lá sem propósito nenhum e começar bater panela ou bater panela por motivo besta que não sabe o que é, cara. Ah, tô batendo panela aqui! Sobre o que é? Não sei. Você tá fazendo baderna, cara. **Agora se você ficar batendo a panela e você tem o argumento pelo qual você**

tá batendo a panela que é por.. pra que a tal pessoa lá ouça e saiba que é *porque disso, disso e daquilo* que você tá lutando pelos seus direitos, como, por exemplo, o preço da passagem aumentou e você tá batendo a sua panela *porque do* preço da passagem faz questão de dizer que é *porque do* preço da passagem, deixar claro, se não, se você não tiver um motivo, um propósito vai ser baderna, vai se tornar baderna e você não vai saber sobre o que você tá lutando. Então você tem que saber pelo que tá lutando como o caso do IFBA aqui, né, muita gente não sabia quais eram as lutas, quando fez greve muita gente não soube porque era greve, quando fez ocupação muitas pessoas não souberam porque era ocupação, quando teve fora MEC: ah, por que é fora MEC? Ah, não sei não...” (H.L.J., M, NM, 19).

(7) “DOC.: Na sua opinião, então, o que precisa melhorar?”

INF.: Em Valença?

DOC.: Sim.

INF.: Principalmente estrutura. Porque a gente tem problema, é... outros problemas sociais que poderiam ser resolvidos, mas a questão estrutural da cidade como saneamento de esgoto deveria ser resolvido e... principalmente em relação ao rio que é, que eu acho que a questão ambiental é algo que a gente vai sofrer muito nos próximos anos e Valença tem uma fonte de água relativamente muito boa e a gente não dá valor pra isso, a gente não trata o nosso esgoto e isso, principalmente na área que eu moro, acaba gerando muitas doenças porque o sistema de esgoto de Valença na parte que tem é junto com o sistema de tubulação de água. O solo da cidade era mangue, aí acaba que quando os carros passam por cima do asfalto, né, tem a mistura ali da água com o esgoto que o cano de água é finíssimo. Aí, por exemplo, na minha casa, eu moro no primeiro andar, e a minha casa tem um tanque, na casa de baixo, é no térreo, não tem tanque, a água é direta, **então a incidência de doenças de pele, de furúnculo entre os meus parentes que moram na casa de baixo é muito maior, enquanto na de cima porque do tanque que a água assenta, né, antes de ir pra torneira é quase inexistente.** Então, problemas como esse geram outras dívidas que a prefeitura acaba tendo que investir em saúde para remediar os problemas que são causados pela falta de estrutura na cidade” (D.H.T.S., M, NM, 19).

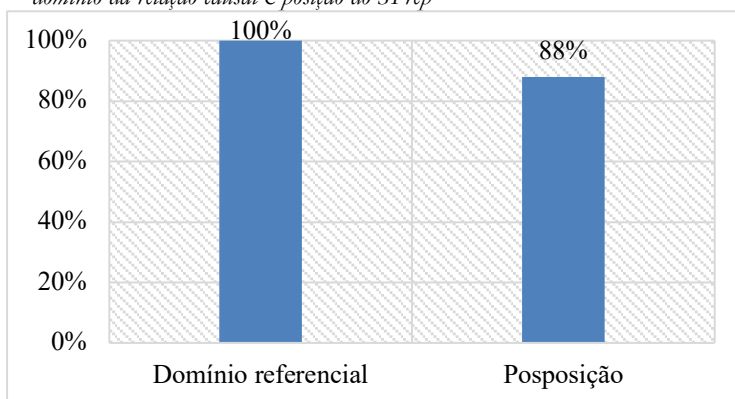
No que se refere à posição do sintagma preposicionado nas orações, os resultados estatísticos confirmaram que há ocorrências do SPrep causal *porque de* nas posições anteposta, interposta e posposta, mas também confirmaram a hipótese de que a ocorrência dele está majoritariamente na posição posposta, 88% das ocorrências. Isso é um indicativo de que a construção inovadora não tem muita flexibilidade sintagmática pelo fato de estar ainda em um processo incipiente de gramaticalização e também por ser a posição de preferência para codificar informações disponibilizadas pela primeira vez na interação discursiva em que o conector causal está sendo cognitivamente acionado.

5 Considerações finais

O objetivo da pesquisa foi a descrição sincrônica da construção *porque de* no PB, a partir de dados de fala e escrita de falantes nativos de Valença – BA. Neste trabalho, foi analisado como o conector conjuncional causal *porque* deslizou semanticamente para um sintagma preposicionado com valor de causalidade à luz do Sociofuncionalismo, este conjugando pressupostos teórico-metodológicos do Funcionalismo Linguístico norte-americano e da Sociolinguística Quantitativa.

Em relação às variáveis linguísticas enfocadas neste artigo, a análise da seção anterior pode ser sintetizada com a disposição gráfica dos valores percentuais no Gráfico 1, a seguir:

Gráfico 1: Percentual de favorecimento das variáveis linguísticas *domínio da relação causal e posição do SPrep*



Fonte: Adaptado de Santos (2020, p. 108).

Além dos grupos de fatores de que foram foco deste trabalho, a pesquisa ainda verificou a aplicabilidade dos princípios de Hopper (1991) para atestar o processo de gramaticalização em um estágio ainda incipiente de um *cline* hipotetizado. Então, de acordo com essa verificação, infere-se que a construção *porque de* ainda está “presa” ao nível sintático, menos subjetivo e referencial, e, por isso, ainda não ocorre no domínio discursivo na amostra da fala e escrita analisada nesta sincronia do PB. Entretanto a pesquisa, por motivos pragmáticos, não alcançou elementos suficientes para afirmar se essa constatação representa um contraponto à tendência do crescente grau de abstratização ou (inter)subjetivização na gramaticalização de algumas construções, como referem alguns autores em seus estudos (DEGAND; FAGARD, 2008; TRAUOGOTT, 2003; AMORIM, 2017).

Ao operar por analogia, as mudanças nas formas ocorrem no eixo paradigmático, não interferindo nas relações sintáticas na parte externa aos *tokens* da construção. O *type* da construção *porque de* se comporta de maneira

inédita na diacronia, em relação à sua origem esquemática, conforme expõe a Figura 3, a seguir:

Figura 3: Mudança no padrão construcional

PREP1 + SN + PREP2 + X > POR + SN + DE + X > PORQUE + DE + X

Fonte: Santos (2020, p. 91).

O padrão construcional, originado do esquema construcional ou macroconstrução PREP1 + SN + PREP2 + X e do subesquema construcional ou mesoconstrução POR + SN + DE + X, sofre um rompimento com a emergência do *type* ou microconstrução *porque de*: pela primeira vez na diacronia admite a substituição dos dois primeiros *slots* (POR + SN) por uma única forma e de outra categoria morfossintática, instanciando os *tokens* ou construtos como os que foram exemplificados nas seções anteriores.

Santos (2020) expõe ainda outras constatações relevantes sobre essa nova construção do PB. Resumidamente, ela já ocorre na escrita e em instâncias formais de uso, indicando maior espraiamento e menor estigmatização na comunidade, inclusive contrariando o lastro de pesquisas sociolinguísticas. O fator extralinguístico *nível universitário* não foi capaz de inibir o seu uso, uma variante não padrão em relação à prescrição gramatical. Por fim, a microconstrução *porque de* se estratifica como mais especializada no domínio referencial, no modo indicativo, em posição posposta à sentença matriz e com informatividade remática.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, F. S. **Gramaticalização de conectores causais na história do português**. 2017. 212 fl. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2017.
- BECHARA, E. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- BOLINGER, D. **Meaning and form**. London: Longman, 1977.
- BYBEE, J.; PERKINS, R. D.; PAGLIUCA, W. **The evolution of grammar**. Tense, aspect, and modality in the languages of the world. Chicago: University of Chicago Press, 1994.
- CASTILHO, A. T. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CEZÁRIO, M. M.; PINTO, D. C. M.; ALONSO, K. S. B. Trajetórias: Mário Martelotta e os estudos em gramaticalização. In: CEZÁRIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. (Org.). **Linguística centrada no uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013, p. 41-58.

CROFT, W. **Radical construction grammar**: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DEGAND, L.; FAGARD, B. Intersubjectification des connecteurs. Le cas de *car* et *parce que*. **Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto**, Porto, n. 3 (1), p. 119-136, 2008. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/EL/article/view/2810>. Acesso em 13 jan. 2020.

DIK, S. C. **The theory of functional grammar**. Dordrecht/Providence: Foris Publications, 1989.

DU BOIS, J. W. Competing motivations. In: HAIMAN, J. (Ed.). **Iconicity in syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 1985, p. 343-365.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. In: GIVÓN, T. (Org.). **Syntax and semantics**: discourse and syntax. v. 12. New York: Academic Press, p. 81-112, 1979.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNEMEYER, F. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Ed.). **Approaches to grammaticalization**. v. 1. Philadelphia: John Benjamins, 1991, p. 17-35.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. **Language**, v. 56, p. 251-299, 1980. Disponível em: http://latina.phil2.uni-freiburg.de/raible/Lehre/2006/Materialien/Hopper_Thompson.pdf. Acesso em: 13 jan. 2020.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

MARTELLOTTA, M. E.; KENEDY, E. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Linguística funcional**: teoria e prática. São Paulo: Parábola, 2015.

MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Champion, 1912.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NEVES, M. H. M. As construções causais. In: NEVES, M. H. M. (Org.). **Gramática do português falado**. v. VII: Novos estudos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p. 461-496.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2000.

NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

PAIVA, M. C. **Ordenação de cláusulas causais: forma e função**. 1991. 232 fl. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *GoldVarb X – a multivariate analysis application*. 2005. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. Disponível em: http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref. Acesso em: 20 jun. 2019.

SANTOS, P. H. S. **Gramaticalização da construção *porque de no português de Valença-BA***. 2020. 140 fl. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2020.

SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure**. New York: Cambridge University Press, 1990.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de *e, aí, daí e então*: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequencição retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista**. 2003. 400 fl. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TAVARES, M. A.; GÖRSKI, E. M. Variação e sociofuncionalismo. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (Org.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 249-270.

TRAUGOTT, E. C. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE et al. (Ed.). **Subjectification**,

intersubjectification and grammaticalization. Topics in English Linguistics. Berlin/New York: Mouton De Gruyter, 2010, p. 29-74.

TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Ed.). **Approaches to grammaticalization.** Philadelphia: John Benjamins, 1991.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

Recebido em 18 janeiro de 2021

Aceito em 6 de junho de 2021.

Publicado em 30 de dezembro de 2021.

SOBRE OS AUTORES

Josane Moreira de Oliveira é doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2006). Realizou estágio pós-doutoral na Universidade Federal da Bahia (2017). É professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (do qual é coordenadora) e do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia. Áreas de atuação: Sociolinguística, Dialectologia, Funcionalismo, Gramaticalização, Ensino de Línguas, Fonologia, Morfossintaxe, Léxico.

E-mail: josanemoreira@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9661-1804>

Paulo Henrique da Silva Santos é mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2020). É técnico em assuntos educacionais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. Áreas de atuação: Língua Portuguesa, Funcionalismo, Gramaticalização, Sociolinguística, Morfossintaxe.

E-mail: paulohenriquesilsan@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0324-0785>